

Afonso de Dinis de Lisboa: percurso de um filósofo, médico, teólogo, tradutor e eclesiástico do século XIV

J. F. Meirinhos*
Universidade do Porto

Nos séculos XII e XIII a filosofia e a ciência experimentam no mundo latino um notável desenvolvimento, no qual tem as suas raízes, nunca é demais salientá-lo, o mundo moderno. Assiste-se então a uma aceleração da *translatio studiorum*¹ que tornaria disponível uma renovada e extensa biblioteca científico-filosófica, onde doravante os mestres poderiam encontrar conceitos e hipóteses para discutir em novos moldes numerosos antigos problemas, formular outras vias para os resolver e mesmo, nos séculos sucessivos, inventar novos conceitos, teorias e soluções. É certo que as traduções trazem estes textos ao conhecimento dos leitores latinos², mas o processo não é apenas receptivo porque a realização das traduções resulta de uma busca activa da *scientia arabum* por mestres que, um pouco de toda a Europa, afluem à Península Ibérica com o objectivo expresso de a aprender e de a tornar acessível a todos³. Contribuem assim de modo decisivo para a alteração

*. Este estudo integra-se nos projectos desenvolvidos pelo Gabinete de Filosofia Medieval, com financiamento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

1. Sobre o conceito, que não se confina ao processo de tradução de obras e abrange uma duradoura e sempre retomada dinâmica de recuperação intelectual do legado clássico da cultura, das ciências e da formação do homem, cf. Alain de LIBERA, *La philosophie médiévale*, (Premier cycle) PUF, Paris, 1993, que nas pp. 5-8 caracteriza a filosofia medieval a partir do movimento de deslocamento e transferência da ciência, que se desenrola ao longo de toda a Idade Média e em diversos contextos geo-políticos. A inicial apropriação árabo-muçulmana da ciência grega permitirá mais tarde a sua reapropriação pelos latinos através das traduções realizadas em grande parte na Península Ibérica dos séculos XII-XIII: «C'est une translation intérieure à la terre de l'Islam, liée à la conquête musulmane, qui a rendu possible le retour de la science grecque dans le monde latin» (Alain de LIBERA, *La philosophie*, 7).

2. Jacqueline HAMESSE – Marta FATTORI (ed.), *Rencontres de cultures dans la philosophie médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV^e siècle*, (Publications de l'Institut d'études médiévales – Textes, études, congrès, 11 / Rencontres de philosophie médiévale, 1), Louvain-la-Neuve – Cassino, F.I.D.E.M., 1990; também S. VEGAS GONZÁLEZ, *La escuela de traductores de Toledo en la historia del pensamiento*, Toledo, Ayuntamiento de Toledo, 1998.

3. Vejam-se as palavras de Adelardo de Bath na introdução das suas *Quaestiones naturales*, em ADELARD OF BATH, *Conversations With his Nephew: On the Same and Different, Questions on Natural Science and Birds*, ed. and transl. Charles BURNETT, coll. Italo RONCA, Pedro MANTAS ESPAÑA, Baudouin VAN DEN ABEELE, (Cambridge Medieval Texts, 9) Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

do panorama das ciências e mesmo das escolas, já de si em grande crescimento. Da dinâmica que estas assumem em cidades como Paris e Bolonha surgirá no final do século XII uma nova corporação formada pelo conjunto dos mestres e escolares: a Universidade, *universitas magistrorum et scholarium*⁴. Uma parte dos textos recentemente traduzidos, sobretudo os de Aristóteles, mas também os de autores árabes como Avicena e Averróis, entre outros, usufruirão em Filosofia de elevada autoridade, passando a determinar a própria estrutura curricular dos estudos na Faculdade de Artes, tendo ainda um papel epistemológico central em todas as outras, mesmo em Teologia⁵. As traduções de obras filosóficas e científicas⁶ e a fundação da Universidade, processos cujas confluências não podem ser dissociadas, encontram-se entre as mais extraordinárias realizações dessa época. As universidades, rapidamente criadas um pouco por toda a Europa, serão ao longo da Idade Média e da Idade Moderna uma das instituições onde se desenrola a circulação pessoal e a recepção da cultura literária e científica na Península Ibérica. Teriam aí papel preponderante os Estudos Gerais de Salamanca (fundado c. 1218-1219) e Lisboa (fundado em 1289, depois sucessivas vezes transferido entre Coimbra e Lisboa).

Portugal parece ter desempenhado um modesto ou nulo papel no processo de tradução de obras de árabe para latim⁷, cujos centros mais importantes se localizavam em cidades como Toledo, Saragoça, Tarrazona, Sevilha. Por outro lado, não conhecemos de modo suficiente o percurso universitário de inúmeros mestres portugueses medievais, sejam eles de Artes, de Medicina, de Direito ou de Teologia, por serem escassas ou lacónicas as informações que sobre eles nos chegaram, ou que conseguimos identificar. Mas, há um traço que os une: a itinerância. Razões institucionais, entre elas a inexistência de universidade em Portugal até 1289 ou a sua debilidade nos períodos posteriores, impeliam muitos estudantes a permanências de estudos numa ou em várias cidades universitárias estrangeiras. A deslocação de estudantes para o estrangeiro foi uma constante, mesmo depois da fundação do Estudo Geral de Lisboa, o que em contrapartida permitiu mantê-lo em continuada ligação com outras e mais dinâmicas universidades. Sabemos que essa permanência no estrangeiro era conseguida com o usufruto de benefícios eclesiásticos ou com o apoio real, ou mais raramente através de meios próprios.

Talvez um dos mais extraordinários percursos académicos medievais seja o de um quase desconhecido mestre português do século XIV, o franciscano *Thomas Portugalensis*. Como lemos numa bula de 28 de Setembro de 1371, enviada ao chanceler da Universidade de Toulouse, o papa Gregório XI anui a uma súplica do rei Fernando I e do próprio mestre, concedendo-lhe «o favor por graça especial» de ler (i.e. ensinar) as *Sentenças* de Pedro Lombardo em Toulouse e, depois disso,

4. Walter RUËG (coord. geral), *Uma História da Universidade na Europa*, vol. I: Hilde de RIDDER-SYMOENS (ed.), *As Universidades na Idade Média*, pref. L. A. O. RAMOS, vários trad., (Estudos gerais. Série universitária) Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

5. Convém ter presente que a entrada desta nova literatura nas escolas da instituição nascente não é pacífica, tendo passada por sucessivas limitações e mesmo proibições de leitura pública, bem como por condenações expressas do ensino de certas obras e doutrinas, entre os quais se encontram algumas de Averróis, autor de que se falará mais à frente. De entre a numerosa bibliografia recente vejam-se: Johannes M. M. H. THIJSSSEN, *Censure and Heresy at the University of Paris 1200-1400*, (The Middle Ages series) University of Pennsylvania Press, Philadelphia 1998 e Luca BIANCHI, *Censure et liberté intellectuelle à l'Université de Paris (XIIIe-XIVe siècles)*, (L'âne d'or) Paris, Les Belles Lettres, 1999.

6. Diga-se que outras obras de Avicena e de Averróis usufruirão de indisputada autoridade em Medicina.

7. A excepção parece ser a actividade de um dos primeiros e mais importantes tradutores, João de Sevilha, que alguns manuscritos identificam como «Johannes Hispalensis et Limiensis», o que, segundo estudos recentes, o associa com a região do rio Lima, no norte de Portugal, e a corte da rainha Teresa, mãe de Afonso Henriques, cf. os estudos de Charles BURNETT, «Magister Johannes Hispalensis et Limiensis and Qusta ibn Luqa's *De differentia spiritus et animae*», *Mediaevalia, textos e estudos*, 7/8 (1995) 221-267 e «John of Seville and John of Spain: A Mise au Point», *Bulletin de Philosophie médiévale*, 44 (2002) 59-78; José Francisco MEIRINHOS, «A ciência e filosofia árabes em Portugal. João de Sevilha e de Lima e outros tradutores», cap. III de José Francisco MEIRINHOS, *Estudos de Filosofia Medieval. Autores Portugueses*, no prelo.

ser examinado para poder receber a licença de ensinar, lembrando o papa que o referido mestre sucessivamente estudara Artes e Teologia na sua Ordem, sobretudo em Inglaterra, ensinara depois Artes em Portugal, prosseguindo os estudos de Teologia em Paris, de onde foi ensinar primeiro como bacharel depois como leitor para Salamanca, de onde passou a Paris onde foi canonicamente eleito e onde proferiu sermões e realizou diversas disputas, indo depois ensinar as *Sentenças* para Cambridge, onde obteve o magistério de ensino da *Sacra Pagina*⁸.

Apesar de um percurso tão rico, não se conhecem obras deste autor⁹, como acontece com tantos outros mestres portugueses medievais que, desde o século XIII, ensinam em universidades de outros países. Se os seus percursos podem não ser tão intensos e complexos, as informações que nos chegam não são menos fragmentárias e incompletas.

Não é um acaso que Portugal e Espanha estejam entre os locais onde ensinou este frei Tomás, porque afinal essa parte do percurso é comum a muitos outros mestres¹⁰. É de outro desses mestres, também hispano de Portugal, também andarilho pelas terras do mundo e pelos domínios do saber, que aqui pretendo ocupar-me reunindo os dispersos elementos de que dispomos sobre a vida e obras de Afonso Hispano, aliás Afonso de Dinis de Lisboa¹¹. Como o que conhecemos sobre as suas obras é muito disperso, o objectivo primeiro deste estudo é: 1) seguir o percurso académico de Afonso de Dinis, 2) sistematizar o que sabemos sobre as suas obras, 3) discutir o seu método de tradução e o interesse por obras de Averróis.

1. Itinerários de um mestre

Alfunsus de Hispania¹², ou Alfonsus de Portugalia, como é chamado em alguns documentos¹³, ou Alfonsus Dionisii de Vlixbona¹⁴, como é chamado em outros, destaca-se pelo seu singular percurso de estudante em Paris em três períodos diferentes, para cursar outras tantas matérias: artes,

8. Bula pela primeira vez editada por Henri DENIFLE, *Les universités françaises au Moyen Age*, Paris, 1892, 37, agora no *Chartularium Universitatis Portugalensis*, ed. por A. Moreira de Sá, vol. I, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1966, doc. 278, 299-300. Cf. Luís de MATOS, *Les portugais à l'Université de Paris, entre 1500-1550*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1950, 166 (ed. de um excerto, transcrito com erros e omissões); Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Portugueses no estudo de Toulouse*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1954, 23-24 (transcreve o mesmo excerto, com os mesmos erros e omissões); *idem*, «Portugueses no estudo de Salamanca (1250-1550)», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 5 (1961) 5-515, cf. 42-43 (contém os mesmos erros e omissões).

9. Cf. a entrada sobre Tomás de Portugal onde não é assinalada qualquer obra com texto conhecido, em Manuel Cecilio DÍAZ Y DÍAZ et al., *HISLAMP. Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi. Autores latinos peninsulares da época dos Descobrimentos (1350-1560)*, Lisboa, INCM, 1993, cf. pp. 125 e 469.

10. Também são inúmeros os mestres provenientes de outros reinos Ibéricos que ensinaram ou exerceram a sua actividade eclesiástica em Portugal, sendo o mais importantes deles o canonista galego Álvaro Pais (c. 1275/80-1349), bispo de Silves a partir de 1333, cf. João Morais BARBOSA (introd. e selecção de textos), *Álvaro Pais*, Lisboa, Ed. Verbo, 1992.

11. Notícias biobibliográficas em Tomás & José CARRERAS Y ARTAU, *Historia de la filosofía española. Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, 2 vol., Madrid, Asociación Española para el progreso de las Ciencias, 1939-1943, vol. II, 492-493; Danielle JACQUART, *Supplément au Dictionnaire biographique des médecins de Ernest Wickersheimer*, Genève, Librairie Droz, 1979, 16-17; José Maria da Cruz PONTES, «Afonso Dinis de Lisboa», em *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, dir. A. A. Banha de Andrade, Lisboa, Ed. Resistência, 1981, vol. I, 54-56; *idem*, «Afonso Dinis de Lisboa», em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, E. Verbo, Lisboa 1992, vol. V, col. 728-729; José Francisco MEIRINHOS, «Alfonsus Dionisii de Ulixbona», em *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi*, Firenze, Ed. del Galluzzo, 2000, vol. I, fasc. 2, 186-187; cf. também Luís de MATOS, *Les portugais*, 2, n. 1. Veja-se sobretudo o estudo de António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis, médico e secretário de D. Afonso IV, professor na Universidade de Paris», *Itinerarium*, 3 (1957) 370-417, 491-607, onde se publicam diversos documentos mas onde não há qualquer referência às obras atribuídas a Afonso de Dinis. Para o percurso eclesiástico, cf. a bibliografia citada abaixo na n. 31.

medicina e teologia, sempre com o sucesso da conclusão de estudos e o ensino pelo menos de Medicina e de Teologia ainda em Paris¹⁵. Após cada um desses três períodos de estudos e de ensino em Paris, Afonso desenvolveu actividades na Península Ibérica, ora em Castela, ora em Portugal, sempre na sequência e em ligação com os estudos que havia realizado: primeiro escrevendo ou traduzindo obras de Artes (filosofia e astronomia/matемática), depois exercendo a medicina, por fim ocupando os mais altos cargos eclesiásticos.

A partir de 1331 conhecemos relativamente bem a presença de Afonso de Dinis em Paris, por ter dado origem a uma grave crise na Universidade, que está bem documentada no respectivo *Chartularium*. Os documentos deste conflito académico¹⁶, minuciosamente reconstituído num artigo de António Domingues de Sousa Costa, publicado em 1957, permitem-nos saber algo mais do percurso de Afonso de Dinis, que então era já um académico experimentado.

Em 1329-1330, seguramente depois de ter cursado Artes e já estudante adiantado em Medicina, Afonso vive com dois *colegas* na Grande Rua, S. Jacques, entre os colégios de Marmoutier e de Cholutets, como se constata pelo *computus* de uma colecta por essa altura realizada entre os escolares de Paris para reunir os fundos para custear a defesa de um estudante acusado da violação de uma mulher chamada Symonette¹⁷. Em Janeiro de 1331, a pedido de um Doutor da Faculdade de Medicina, mestre Pedro de Capite Stagno, e na sequência de um pedido do próprio rei Afonso IV de Portugal, o chanceler da Universidade de Paris, o teólogo Mestre Guilherme Bernardo de Narbona, após ouvir alguns mestres, que o consideraram «suficientemente *preparado, bom, idóneo e científico*»¹⁸, concede a Afonso de Dinis a licença em Medicina teórica e prática. Os mestres em Medicina reagem de modo enérgico acusando o chanceler de exceder os seus poderes e funções e acusam o já então Mestre em Artes e bacharel em Medicina Afonso de Dinis de ter quebrado o juramento que prestara perante a Universidade de respeitar os seus estatutos e privilégios, tendo procurado obter a Licença em Medicina de um modo não regulamentar. A corporação dos Mestres desaprova pois o procedimento do

12. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», 372 e n. 1. «Alfonsus de Hispania» é a designação habitual nos documentos da Universidade de Paris. Dada a sua proveniência, nos documentos feitos além Pirinéus os naturais d Península são em geral mencionados como *hispani*, porque *Hispanus* é todo aquele que provém da Península Ibérica. É pelo local de origem acrescentado ao nome que os estudantes costumam ser conhecidos nas diferentes universidades medievais.

13. *Idem*, «Mestre Afonso Dinis», doc. I, p. 523, passim; mesmo «Alfonsus de Yspania sive de Portugalia», doc. IV, p. 531.

14. «Alfonsus Dionisii» aparece pela primeira vez num documento do papa João XXII, datado de 1331 onde lhe concede o reitorado da Igreja paroquial de Murça (cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», art. cit, doc. IX, p. 537); a forma completa «Alfonsus Dionisii, clericus Vlisbonensis» aparece pela primeira vez numa súplica de 17 de Julho de 1342 a Clemente VI (*idem*, doc. XVIII, p. 555) ou nas bulas deste datadas do mesmo dia (cf. nota seguinte).

15. Numa súplica dirigida em 17 de Julho de 1342 a Clemente VI a propósito de diversos benefícios e da obtenção do canonicato e prebenda de Lisboa, apresenta-se como «Alfonsus Dionisii, clericus Vlisbonensis, in Artibus et Medicina Parisius magister, et studens in Theologia»; cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XVIII, pp. 555-556 (cit. também na p. 394), à qual o papa responde no mesmo dia tratando-o como Mestre em Artes e em Medicina (cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», docs. XIX e XX, pp. 556-559; ver também o doc. XXI, pp. 560-561).

16. Cf. *Chartularium Universitatis Parisiensis*, Henri DENIFLE – Émile CHATELAIN et al. (ed.), 4 vol., Paris, 1889-1894, vol. II, 349, 352-399, 558, 669 (doc. 918, 921-943, 1098, Ap. II; cf. sub indicem p. 753); JEAN XXII (1316-1334), *Lettres communes*, ed. G. MOLLAT et al., Paris 1904-1947, vol. XVI, doc. 52724, 56062-3, 56631; estes e outros documentos são editados em António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis»; veja-se também a reedição e estudo de um importante documento que atesta a residência de Afonso em Paris, em William J. COURTENAY, *Parisian Scholars in the Early Fourteenth Century. A Social Portrait*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999, cf. pp. 66, 99, 220 (ver nota seguinte) e 130-131 onde se encontra a reconstituição da carreira académica e eclesiástica de Afonso de Dinis.

17. No *computus* é mencionado «Alfoncius de Hispania cum 2 sociis, 12 s. solv.», cf. William J. COURTENAY, *Parisian Scholars*, 220. O documento, que aqui tem nova edição e um completo estudo, fora já editado no *Chartularium Universitatis Parisiensis*.

18. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», 383.

chanceler, do apresentante e do candidato, com base nos estatutos e privilégios da Universidade, que apenas previam a atribuição de licença de dois em dois anos e após o candidato ser examinado na sua idoneidade e conhecimentos por todos os mestres da Faculdade. Durante mais de um ano os mestres da Faculdade de Medicina envolveram-se numa querela jurídica contra o chanceler da Universidade e contra Afonso, pugnando pelo não reconhecimento da Licença atribuída pelo Chanceler e querendo que a obtivesse pelos exames estatuídos. Finalmente, ambas as partes apelam para a autoridade máxima, o papa. A troca de documentos e de acusações não diminui de tom, agrava-se mesmo ao longo deste período até que o bispo de Paris, mandatado pelo papa João XXII, confirmou em 10 de Abril de 1332 a licença de Afonso em Medicina teórica e prática¹⁹.

Entretanto, era já mencionado em documento papal de Março de 1332 com as funções de médico e secretário do rei de Portugal Afonso IV, sendo que em outros documentos é em simultâneo mencionado como médico de sua filha Maria de Portugal (1313-1357), esposa do rei Afonso XI de Castela. A data do documento papal faz supor que após lhe ser atribuída a Licença pelo Chanceler, mas sem a contenda ter chegado ao fim, Afonso regressara à Península estando ao serviço do rei de Portugal e da rainha consorte de Castela.

Após a solução da contenda universitária e durante alguns anos o percurso de Afonso de Dinis afasta-se de Paris, embora seja provável que não ocupou as funções correspondentes aos diversos benefícios eclesiásticos com que o papa, a sua solicitação ou do rei, o vai cumulado em Portugal. Segundo algumas opiniões teria ensinado na Universidade de Lisboa, mas os editores do Cartulário não acolheram nenhum dos documentos que lhe dizem respeito²⁰. Nos documentos da Chancelaria do rei Pedro IV encontramos dois documentos datados de 11 e 22 de Fevereiro de 1377, que mencionam um «Meestre Affonso físico meu Eisaminador». No primeiro, Mestre Afonso atesta o saber em cirurgia de Airas Vicente, que examinara e por isso o rei manda que ele exerça a profissão de cirurgião e a justiça o receba como tal²¹. O segundo documento é de aplicação mais vasta, porque o rei, para obviar ao exercício da arte da medicina, ou da cirurgia, ou ainda da cirurgia e da boticária por muitos que «não tinham ciências nem sabedorias para as exercer», mandou submeter a exame todos os que na cidade de Lisboa exerciam tais mesteres «mandey na mha çidade de Lixboa fazer Eisaminaçon a todos aqueles que en essa Cidade obravan destes offiços a qual eysaminaçom mandei fazer a Meestre Affonso e a Meestre Gonçalo, meus físicos, que eu mandey que fossem Eysaminadores de todos aqueles que nos meus Reynos destes offi[cl]ios quisessem obrar» e deste exame sai com carta para exercer em Lisboa mestre Domingos, cirurgião e mestre da arte das tosses²². Ainda no mesmo ano «Mestre Affonso físico» examina Mestre João, a quem o rei também passa carta válida para todo o Reino, para que exerça a arte da cirurgia²³. Não temos outras indicações sobre estes médicos do

19. Documentos publicados no *Chartularium Universitatis Parisiensis* e parcialmente por António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis».

20. Cf. apenas a inclusão de dois documentos editados no referido estudo de Sousa Costa, mas nenhum dos dois é sobre Afonso de Dinis.

21. *Chancelarias portuguesas. D. Afonso IV*, 3 vol., Lisboa, INIC-Centro de Estudos Históricos da Universidade de Lisboa, 1990-1992, vol. II: (1340-1344), doc. 91, pp. 170-171.

22. *Chancelarias portuguesas. D. Afonso IV*, vol. II, doc. 92, pp. 171-172. Este documento foi pela primeira vez mencionado por Iria GONÇALVES, «Físicos e cirurgiões quatrocentistas. As cartas de exame», em *Do tempo e da História*, vol. I, Lisboa, 1965, 69-112, agora em *idem, Imagens do Mundo Medieval*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, 9-52, cf. p. 13, no estudo não se encontram outros elementos sobre a atividade de mestre Afonso. Agradeço a Luís Miguel Duarte o ter-me indicado estas obras.

23. *Chancelarias portuguesas. D. Afonso IV*, vol. II, doc. 113, p. 209. Contudo, no mesmo ano o rei faz examinar outros cirurgiões práticos pelos seus «físicos», uma vez por Mestre Martinho e Mestre André (doc. 121, pp. 215-216), outra por Mestre Martinho, médico do Infante (doc. 147, pp. 246-247); no ano seguinte Mestre André e Mestre Martinho fazem nova examinação (doc. 223, p. 341).

rei, mas não é impossível que «Mestre Affonso físico» seja Afonso de Dinis, pois em diversos outros documentos este é citado também ele como médico do rei.

Sabemos também por outros documentos que Afonso de Dinis foi médico da filha do rei Afonso IV, a princesa Maria, que se tornou rainha consorte em 1328, por casamento com Afonso XI de Castela²⁴. Este repudiava a esposa, preferindo Leonor de Guzmán, o que levou a rainha a queixar-se ao pai do mau tratamento que o esposo lhe dava. Afonso IV, animado por um clima conflitual, de animosidades e intrigas que envolviam também a relação com outras casas reais da Península, declara guerra ao genro, que devastará os dois reinos entre 1336 e 1339. Essa guerra seria encerrada pelo tratado da «Paz de Sevilha», obtido em 1339, com a mediação dos bispos de Rodes e de Reims (enviados respectivamente pelo papa Bento XII e por Carlos VII, rei de França)²⁵. Afonso de Dinis poderá ter feito parte do intenso movimento diplomático entre os dois reinos antes e durante a guerra, tendo seguramente passado algumas tempo com a rainha de Castela. Poderá ter sido nesse contexto que entrou em contacto com certas obras árabes de ciência astronómica e de filosofia que, com a ajuda de intérprete, traduziu para latim. Uma dessas traduções foi concluída em Sevilha em 15 de Março de 1334, outra em Toledo, em data desconhecida.

Depois de ter desempenhado funções como médico ao serviço da rainha consorte de Castela e do rei de Portugal, de quem por vezes é apresentado como secretário, eis que Afonso de Dinis se dispõe a regressar a Paris, agora para estudar Teologia, a mais elevada das ciências na universidade de então, talvez movido pelo desejo de ascensão na hierarquia eclesiástica. Segundo Sousa Costa, tendo em conta a preparação necessária para ingresso e a duração habitual deste curso, teria começado a estudar Teologia na Universidade de Paris por volta de 1335²⁶. A presença de Afonso na Faculdade de Teologia está atestada entre 1342²⁷ e 1345, ano em que, como bacharel sentenciário, leccionou e comentou o livro das *Sentenças* de Pedro Lombardo²⁸, mas não é certo que alguma vez o seu curso tenha sido passado a escrito (cfr. abaixo § 2).

24. Na já citada súplica ao papa Clemente VI datada de 17 de Julho de 1242, Afonso apresenta-se também como súbdito e médico dos reis de Castela e de Portugal e da rainha de Castela: «humiliter supplicat quatenus dominorum suorum Castelle et Portugalie regum illustrum ac serenissime domine regine Castelle, quorum medicus fuisse dinoscitur» (cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XVIII, p. 555), e o papa realça esta tripla função na sua resposta (cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XIX, p. 557).

25. Cf. «Sevilha, Paz de (1339 ou 1340)», em Joel SERRÃO (dir.) *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa 1971, vol. III, 863; A. H. de Oliveira MARQUES, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, (Nova História de Portugal, 4) Lisboa, Ed. Presença, 1987, 498-500.

26. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», 397.

27. No citado doc. de 17 de Julho de 1242 (cf. acima n. 15) apresenta-se como estudante de Teologia. Em bula de 8 de Agosto de 1342, o papa Clemente VI concede-lhe que possa receber o grau de mestre, porquanto está apto a ler/ensinar cursos na faculdade de Teologia de Paris: «sicut asseritur es dispositus ad legendum in Studio arisiensi cursus in Theologica facultate» (António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XXI, pp. 560-561). Também o doc. de 23 de Janeiro de 1345 o papa Clemente VI menciona: «tunc ut assereretur eras dispositus ad legendum in studio Parisiensi cursus in Theologica Facultate» (António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XXVI, pp. 566-567), expressão idêntica encontra-se na bula de 6 de Setembro de 1345, sempre sobre a possibilidade de ascender à dignidade de bispo aqui estendida à de arcebispo, onde se lê «quod Parisius in artium et Medicine meruisti Magisterium obtinere et in Theologia facultatibus, baccalarius existis» (doc. XXVII, pp. 567-568).

28. «(...) Magister Alfonsus Dionisii de Vlixbona, Parisiis Sententias actu legens», cf. *Chartularium Universitatis Parisiensis*, II, doc. 1098, p. 558, documento resumido, editado em António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XXV, pp. 564-565; trata-se da súplica de isenção de mencionar a sua ilegitimidade para poder ascender à dignidade de bispo e de arcebispo. Sobre a leitura das *Sentenças* pelos bacharéis na Universidade de Paris, cf. os *Estatutos de 1390* (*Chartularium Universitatis Parisiensis*, vol. II, doc. 697, nr. 5). Sobre a importância da obra no ensino da Teologia e nas discussões filosóficas, cf. o repertório de comentários medievais das *Sentenças* citado na nota seguinte e Gillian R. EVANS (ed.), *Medieval Commentaries on the Sentences of Peter Lombard*, vol. I, Leiden, E.J. Brill, 2002.

Alguns anos mais tarde, em bula de 9 de Janeiro de 1346, Clemente VI nomeia-o bispo da Guarda referindo-o como «in sacra Theologia Magistrum»²⁹, parecendo atingir-se com este acto o fim da sua carreira universitária. No ano seguinte é transferido para o importante bispado de Évora³⁰. A morte de Afonso é certamente pouco anterior a 3 de Outubro de 1352, data da nomeação do seu sucessor em Évora.

A diversa documentação papel relativa a Afonso de Dinis testemunha que beneficiou sempre da protecção e do apoio real. Sabemos que é filho ilegítimo porque solicita aos papas omissão dessa condição, obtendo de Clemente VI a dispensa que, mais uma vez também a pedido do rei Afonso IV, lhe permite poder ascender à condição de bispo e de arcebispo³¹. Esta alta protecção de que beneficiou ao longo da sua vida poderia justificar-se, ou por especial estima do rei ou por laços de pertença à família real³². O nome «Dionisii» é seguramente um patronímico que indica que é filho «de Dinis»³³, mas é improvável que o pai seja o próprio rei D. Dinis (1261-1325), o que faria dele meio irmão de Afonso IV (1291-1357). Dada a conflitualidade então vivida na família real, essa relação seria motivo mais para diferendo do que para o apoio de que o mestre sempre beneficiou por parte do rei.

2. As obras

Os diversos documentos universitários, da cúria romana ou das chancelarias não mencionam, como é natural, Afonso de Dinis como autor e mesmo as eventuais actividades de ensino apenas são pressentidas pelo título de mestre com que é referido. Contudo, dispomos de indícios dispersos, em subscrições de vários manuscritos, que permitem atribuir-lhe uma obra cientificamente diversificada e com certa amplitude, embora não a possamos conhecer na sua plena extensão por algumas dessas obras serem apenas conhecidas em fragmentos ou em citações. Em outros casos as atribuições são conjecturais, porque não se conhece o texto das obras, seja porque se perderam os manuscritos, seja porque nem é certo que tenham sido passados a escrito alguns dos cursos que proferiu em Paris. Tudo somado, podem ser-lhe atribuídas as seguintes obras:

1. <*Lectura super quarta fen primi Canonis Avicennae*> (?). Em Março de 1330, enquanto bacharel licenciando em Medicina, Afonso de Dinis lecciona em Paris o *Canon* de Avicena, obra central do *curriculum* da Faculdade de Medicina³⁴, comentando a *fen* quarta da parte I³⁵, que se

29. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XXVIII, p. 569.

30. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XLIII, pp. 589-591.

31. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XXV-XXVI, pp. 564-8. Sobre a carreira eclesiástica de Afonso, cf. Silva LEAL, «Catalogo dos bispos da Idanha e Guarda», *Collecção dos documentos e memorias da Academia real da historia portuguesa*, Lisboa 1722; Francisco da FONSECA, *Evora gloriosa*, Roma, Of. Komarckiana, 1728, 282; António CAETANO DE SOUSA, *Historia Genealogica da casa Real Portuguesa*, Lisboa, Off. de Joseph Antonio da Sylva, 1735, vol. I, 361; *idem*, *Provas da Historia Genealogica*, Lisboa, Off. Sylviana, 1739, vol. I, 258; Jose Osorio da G. e CASTRO, *Diocese e Districto da Guarda*, Porto 1902, 413; Fortunato de ALMEIDA, *Historia da Igreja em Portugal*, Coimbra, 1910, vol. II, 553, 563; *idem*, «Alphonse Denis», *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastique*, Letouzey et Ané, Paris 1913-seg., vol. II, col. 711. Note-se que, em geral, os historiadores eclesiásticos não mencionam a existência de uma carreira académica de Afonso de Dinis.

32. Ainda em 25 de Julho de 1247, Afonso de Dinis, então bispo da Guarda, é testemunha da entrega de uma valioso dote em jóias a D.^a Leonor, rainha de Aragão e filha de Afonso IV, cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XLII, pp. 586-688.

33. Afonso tem pelo menos um irmão, «Laurentius Dionisii», a quem inclui numa súplica ao papa Clemente VI, de 2 de Outubro de 1246, cf. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dinis», doc. XXXII-XXXIII, pp. 574-577.

34. Sobre a organização do ensino da medicina na Universidade de Paris na primeira metade do século XIV cf. Cor-

ocupa dos modos gerais de medicação. Contudo não se conhece ou não está identificado o eventual texto das suas *lectiones*, que poderá até nem ter passado a escrito completo e organizado.

2. <*De Aegidii de Tebaldis translatione Ptolomaei Quadripartiti*>. O *Opus quadripartitum* do matemático grego Cláudio Ptolomeu foi vertido do árabe para latim por um tradutor anónimo em 1206. Em 1256 o parmense Aegidius de Thebaldis e Petrus de Regio, protonotário de Afonso X, traduziram (da versão castelhana de Jehuda ben Moses) para latim o comentário de Ali ibn Ridwan sobre o *Opus quadripartitum*. Tudo indica que Afonso de Dinis terá escrito para o rei um relatório sobre esta obra³⁶, o qual lhe era atribuído num manuscrito, descrito no catálogo do príncipe Baldassare Boncompagni, o qual não está localizado desde 1898 e onde Afonso se identificava a si mesmo como «Afonso Dinis de Lisboa, Hispano, médico e clérigo do ilustríssimo dom Afonso de Portugal e do Algarve, rei ilustre»³⁷.

3. <*Opusculum de astrologia* (de 1334)>. Manuscrito assinalado ainda no século XIX na biblioteca do Mosteiro de Santa Creus³⁸, mas que Domínguez Bordona em 1952 dá como não localizado e acrescescenta: «En el supuesto de que no hayan desaparecido absolutamente, se ignora el paradero de los siguientes [manuscritos], que llegó a ver Villanueva: (...) Otro tratado de Astronomía en latin e catalan fechado en 1334 y del que parece ser autor Alfonso Dionis, clérigo y médico de Don Alfonso de Portugal»³⁹. Pode tratar-se da mesma obra anterior, ou da obra seguinte, justamente datada de 1344. Contudo, no fragmento que desta sobrevive não há qualquer passagem em catalão. Domínguez Bordona, que não viu o manuscrito, deve ter usado outra fonte para além de Villanueva, uma vez que este não refere que haja catalão nesta obra;

4. <*De nativitate*⁴⁰>. Tradução, de que apenas sobrevive a parte final no manuscrito Paris, BNF, lat. 7316A, f. 180r⁴¹. Trata-se de um curto texto traduzido do árabe com ajuda de um intérprete, em Sevilha, em 1334. O texto subsistente foi editado por Thorndike e é transcrito a seguir na totalidade.

5. *Tractatus Averoyis «De separatione primi principii»* vel *Tractatus Averoyis contra aliquos Avi-*

nelius O'BOYLE, *The Art of Medicine. Medical Teaching at the University of Paris, 1250-1400*, (Education and Society in the Middle Ages and Renaissance, 9) Leiden, E.J. Brill, 1998, cap. 1, 9-32 (sobre Afonso de Dinis cf. pp. 52, 70, 77, 78).

35. Cf. «Dominus Alfunsus de Hispania, baccalarius, incepit legere Fen quartam 1 Can<onis> Avicenne. MCCCXXXIX, 2 die Martii [datação galicana, corresponde a 1330]», doc. parcialmente publicado em *Chartularium Universitatis Parisiensis*, vol. II, doc. 918, p. 349, também citado em COSTA, «Mestre Afonso Dinis», 381.

36. Cf. Guy BEAUJOUAN, *La science en Espagne aux XIVe et XVe siècles*, Paris, Palais de la découverte, 1967 (reimpr. em Guy BEAUJOUAN, *Science médiévale d'Espagne et d'alentour*, Ashgate, Aldershot 1992), 8.

37. Trata-se do manuscrito não localizado Roma, Manoscritti da D. Baldassare Boncompagni, ms. 307 [s. XIV] (olim, ms. de Petro Girometi, nr. 21), e o texto encontrava-se nos ff. 227rb-234, inc. «Egidius de Theobaldis parmensis in prologo huius sue translationis latine». Após crítica à tradução de Theobaldi o autor identifica-se um pouco mais à frente: «...ea propterea ego Alfonsus Dyonisius de ulixbona yspanus medicus et clericus illustrissimi principis domini Alfonsi Portugaliae et Algarbii regis illustris ...» (f. 227va), citado por Enrico NARDUCCI, *Catalogo di manoscritti ora posseduti da D. Baldassare Boncompagni*, 2 vol., Roma, Tipografia delle Scienze Matematiche e Fisiche, 1862, nº 313 [reimpr. Roma 1892, 180, nº 307]; *Catalogo della biblioteca Boncompagni, vendite dal 17 gennaio al 12 febbraio*, 6 vol., Roma 1898, referido no vol. I, nr. 268; cf. Guy BEAUJOUAN, *La science en Espagne*, 8, n. 14; *idem*, «L'astronomie dans la péninsule ibérique à la fin du Moyen Age», em *Agrupamento de estudo de cartografia antiga*, vol. XXIV, Lisboa 1969, 8 (reimpr. em Guy BEAUJOUAN, *Science médiévale*; também na *Revista da Universidade de Coimbra*, 24, 1969, 13-32).

38. Cf. Jaume VILLANUEVA, *Viage literario à las iglesias de España. Le publica con algunas observaciones Don Joaquín Lorenzo Villanueva*, 22 vol., Madrid, Imprenta real, 1803-1852, vol. XX, 125.

39. Jesús DOMÍNGUEZ BORDONA, *El escritor y la primitiva biblioteca de Santes Creus. Noticia para su estudio y catálogo de los manuscritos que de dicha procedencia se conservan*, Tarragona, Sugrañes H.nos, 1952, 23-24.

40. *De nativitate avis* (!) é o título com que a obra é referida no ficheiro de autores e obras medievais do Institut de Recherche et Histoire des Textes de Paris.

41. O frag. está editado em Lynn THORNDIKE, «Notes on Some Astronomical, Astrological and Mathematical Manuscripts of the Bibliothèque Nationale, Paris», *Journal of the Warburg and Courland Institute*, 20 (1957), 112-172, cf. pp. 136-137.

cennistas ad probandum primi necesse esse. Obra apresentada como tradução de um opúsculo de Averróis, contra Avicena, realizada com o auxílio de um intérprete, Afonso de Toledo. Como veremos, para ela Afonso de Dinis escreveu pelo menos o prefácio e uma nota explicativa das divergências entre as diferentes traduções de uma passagem da *Física* de Aristóteles, sendo a tradução seguida de um elogio de Averróis (ver obra seguinte). Conhece-se apenas um manuscrito inglês do século XIV⁴². O texto latino foi recentemente editado com tradução inglesa defronte⁴³, incluindo como «epílogo do tradutor» um texto de facto independente, que se descreve a seguir. No dizer dos editores a qualidade da tradução latina é pobre (cfr. p. 89).

6. <*Accessus ad Averroem* vel *Laudatio Averrois*>. Texto de que também se conhece apenas um manuscrito⁴⁴, onde está a seguir à tradução do *Tractatus De separatione primi principii* e com ele tem relação directa como se lê no *explicit* citado⁴⁵. Este escrito é o único que podemos atribuir à própria lavra de Afonso de Dinis que, como veremos abaixo, indica as suas próprias fontes.

7. <*Commentaria in magistrum Sententiarum*>. Não é certo se se trata de uma obra perdida ou da simples interpretação lectiva durante o período de ensino na Faculdade de teologia da Universidade de Paris, entre 1342 e 345, de que não terá sido feita a *reportatio*. O texto desse curso não é conhecido⁴⁶, apesar de Nicolau António, sem citar a fonte, atribuir taxativamente a Afonso a redacção do comentário⁴⁷. Afonso Vargas de Toledo, que pela mesma altura ensinava e comentava também a obra do Lombardo, citá-lo-á sete vezes no seu *Comentário do I livro das Sentenças*⁴⁸.

42. Manuscrito Oxford, Bodleian Library, Digby 236, ff. 190ra-194va: *inc. prol.* Pro tractatu sequente est advertendum ad id quod Averrois dicit in principio huius tractatus; *inc.* Inquit alkaid, idest senescallus vel iudex, Abusualit Benrost; *expl.* Est unum, et quod <non> indiget alio principio nisi ex habundanti.; *coloph.* Explicit additio Averrois super demonstrationem Aristotelis... Sobre este peculiar manuscrito em duas partes escritas pelo menos copista, que na primeira (ff. 1-183) incluiu textos do neoplatónico Proclo e na segunda (ff. 184-195) reuniu três curtos opúsculos de Averróis cujos originais árabe se desconhecem, e um texto de Afonso de Dinis sobre Averróis, ver William D. MACRAY, *Catalogi codicum manuscritorum Bibliothecae Bodleianae pars nona codices a viro clarissimo Kenelm Digby, Eq. Aur., anno 1634 donatos, complectens: adiecto indice nominum et rerum*, Oxonii, E Typographeo Clarendoniano, 1883 (reimpr., corr., add.: R.W. HUNT – A.G. WATSON, Oxford, Clarendon Press, 1999), col. 245-246; uma descrição mais completa encontra-se em Proclus, *Commentaire sur le Parménide de Platon*, traduction de Guillaume de Moerbeke, ed. C. STEEL, vol. I, Leuven–Leiden, Leuven University Press–E.J. Brill, 1982, 5*-8*, com uma adenda no vol. II (Leuven 1985), 523*-525*.

43. Carlos STEEL – Guy GULDENTOPS, «An Unknown Treatise of Averroes Against the Avicennians on the First Cause. Edition and Translation», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale*, 64 (1997) 86-135, texto e tradução nas pp. 94-134.

44. Oxford, Bodleian Library, Digby 236, ff. 194va-195ra. *inc.* Sciendum quod rettulit michi Alfonso unus fide; *expl.* Ex hiis patet quare dicitur Averrois alcaid in principio precedentis tractatus. *Explicit.*

45. Carlos STEEL e Guy GULDENTOPS, «An Unknown Treatise», 130-133, edição e tradução, sob o título «Postscriptum interpretis», embora Carlos Steel antes o tivesse considerado um texto independente que intitulou «Narratio de Averroet et rege Sarraceno Cordubensi, in laudem eiusdem Averrois», cf. Proclus, *Commentaire sur le Parménide de Platon*, ed. Carlos STEEL, vol. I, 5*. Tendo por base apenas a edição citada, também não considerarei este texto como sendo autónomo, em José-Francisco-MEIRINHOS, «Alphonsus Dionisii de Ulixbona».

46. Cf. Friedrich STEGMÜLLER, *Repertorium Commentariorum in Sententias Petri Lombardi*, Würzburg, Schönigh, 1947, vol. II, na p. 35 lemos a entrada «Alphonsus [Dionysii] de Ulispona [De Portugal] / 1345 legit sententias Parisiis; 1346 episc. Idamensis, postea episc. Eborensis; obiit 1352. Affertur ab Alfonso Varga Toletano. J. Kürzinger, *Alphonsus Vargas Toletanus* 1930, 96».

47. «scripsisseque Interpretationem seu expositionem, ut mos ferebat huius temporis, Magistri Sententiarum» (161) e no índice «A. de L. Sententiarum libros exposuit» (423), Nicolaus ANTONIUS, *Bibliotheca Hispana vetus sive Hispani scriptores qui ab Octaviani Augusti aeo ad annum Christi MD floruerunt*, 2 vol., ed. Francisco PEREZIO BAYERIO, Madrid, apud Viduam et Heredes D. Ioachimi Ibarrae, 1788, ambas as citações no vol. II.

48. Alphonsus Vargas Toletanus, *Lectura super primo Sententiarum*, Venetiis, Paganinis, 1490, ff. 44, 53, 57-58, 70-71 (obra reimpressa em New York 1952, cf. col. 142, 177, 194-196, 247, 249; agradeço a Marco Toste ter-me conseguido esta reedição e por ter localizado as col. citadas); Cf. Josef KÜRZINGER, *Alphonsus Vargas Toletanus und seine theologische Einleitungslehre. Ein Beitrag zur Geschichte der Scholastik im 14. Jahrhundert*, (BzGPhTM, XXI, 5/6), Münster, Aschendorf, 1930, 95-96, onde enumera todas as passagens em que Alfonso Vargas cita «Alphonsus de Portugalia» entre os mestres «mecum concurrentes in lectura» e outra vez refere-o como «reverendus magister et dominus qui mecum concurrebat in lectura».

Talvez estas poucas precisas citações não sejam suficientes para identificar a profundidade do seu pensamento, mas merecem um estudo detalhado para averiguar o sentido das suas posições doutrinárias e se nele se pressente algum «averróismo» derivado da tradução que alguns anos antes havia feito do opúsculo metafísico do filósofo de Córdova. Seria interessante conhecer-se se o mestre português acolhia em Teologia as orientações mais naturalísticas do pensamento de Averróis, que conhecia extensamente e de quem é manifesto admirador.

Deve ser corrigida e excluída a atribuição de uma outra obra:

- a) Um *Quaestiones quodlibetales* são-lhe por vezes atribuídas⁴⁹, mas Afonso de Dinis deve ser distinguido do franciscano Afonso de Portugal que foi proprietário e não autor do manuscrito onde se encontram estas questões que são, aliás, de Guilherme de Ockham. De facto, nos ff. 136-141⁵⁰ do códice 106 do Merton College de Oxford, encontram-se umas *Quaestiones quodlibetales* que chegaram a ser atribuídas, por erro, a Afonso de Dinis devido ao *colofon* do f. 141vb (olim 257vb). Lê-se aí: «Scriptum venerabilis Inceptoris Ochan super quatuor libros Sententiarum cum quolibetis, fratris Alfonsi de Portugalia provincie Sancti Iacobi ordinis fratrum minorum». Ora, o que aqui se diz (se colocarmos uma pausa entre *quolibetis* e *fratris*), é que as questões são de Ockham, mas que o proprietário do manuscrito (e não autor dos *quodlibeta*) é Afonso de Portugal⁵¹. Wey afirma mesmo que este Afonso não foi o colega de Alfonsus Vargas⁵², e acrescenta dados que distinguem o Afonso proprietário do manuscrito de Afonso de Dinis: «Alfonsus noster erat frater Ordinis Minorum provinciae S. Iacobi Compostellae, quae provincia tunc temporis Portugaliæ amplectebatur. Alfonsus vero, qui Alfonsi de Vargas fuit socius an. 1346 episcopus factus est an. 1352 obiit, nec frater Ordinis Minorum usquam dictus est. Alfonsus autem noster probabiliter Oxoniam ad curriculum studiorum sequendum missus erat»⁵³.

É provável que Afonso tivesse escrito outras obras, nomeadamente comentários, ou mesmo questões disputadas no âmbito das suas funções escolásticas, mas não nos são conhecidas. Assim,

49. Avelino de Jesus da COSTA, «Geórgicas de Virgílio (fragmentos portugueses do século XI)», *Humanitas* n.s., 4-5 (1956) (agora em Avelino de Jesus da COSTA, *Estudos de cronologia, diplomática paleografia e histórico-linguísticos*, Porto, Sociedade Portuguesa de estudos Medievais, 1992, 124), repetido depois por Aires Augusto do NASCIMENTO, «O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência», *Didaskalia*, 25 (1995), 235-255 (cf. p. 253); e por José Geraudes FREIRE, *Oração de Sapiência. O latim medieval em Portugal: Língua e literatura*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1995, 35-36; e ainda por Mário Santiago de CARVALHO, «Dois casos de translação da filosofia de expressão árabe no Portugal medieval: João de Sevilha e de Lima e Afonso Dinis de Lisboa (no segundo centenário de Averróis)», *Humanística e Teologia*, 20 (1999) 259-271, cf. pp. 263-271, agora também em Mário Santiago de CARVALHO, *O problema da habitação. Estudos de (História da) Filosofia*, Lisboa, Ed. Colibri, 2002, 128-136.

50. Estes fólhos têm a numeração medieval 252-257, o que significa que se perdeu a parte entre os ff. 141 e 152, como parece ser atestado pela tábua que se encontra no f. 135ra-b.

51. Cf. Joseph C. WEY (ed.), *Guillelmi de Ockham Opera Theologica*, vol. IX: *Quodlibeta septem*, St. Bonaventure, Franciscan Institute, 1980, 17*-19*, onde se descrevem as partes com textos de Ockham e se defende, na p. 18*, que o códice é constituído por duas partes distintas: a) ff. 14ra-134vb por várias mãos, b) ff. 135ra-257va por uma única mão ânglica que não se encontra na outra parte, contém obra de Ockham, desde o *Quodlibet* II 1. 18 até ao final do *Quodlibet* III (edição do texto nas pp. 189-291 do mesmo volume). Pelas subscrições dos ff. 255ra e 257va a cópia da parte b) parece ser de Michael Dawney e Robertus Colman. O códice foi comprado (adquisitus est) na íntegra por Alfonsus de Portugalia e depois por W. Duffield e por fim pelo Merton College. Sobre o manuscrito conferir ainda as descrições de Henry O. COXE, *Catalogus codicum manuscritorum qui in Collegis Aulisque Oxoniensibus hodie adservantur*, Oxoniae 1852, I, 51; Frederick Maurice POWICKE, *The Medieval Books of Merton College*, Oxford, Clarendon Press, 1931, 197-198, n. 926.

52. Remetendo para Frederick Maurice POWICKE, *The Medieval Books*.

53. Joseph C. WEY (ed.), *Guillelmi de Ockham Opera Theologica*, vol. IX *Quodlibeta septem*, 19*.

os textos que nos chegaram de Afonso são apenas as suas traduções ou apresentadas como tal e o breve *Elogio de Averróis*.

3. As traduções e Averróis

Talvez esteja perdido o relatório que, a pedido do rei seu protector, teria escrito sobre a tradução do *Quadripartitum* de Ptolomeu por Egídio Thebaldo (cfr. acima). Mas, foi sugerido que Afonso poderá ser o autor de algumas anotações marginais no manuscrito Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 16653⁵⁴, que contém o *Quadripartitum* de Ptolomeu com o prefácio de Egídio Thebaldi de Parma e a glosa de Haly (Aly Abenrudiani)⁵⁵. Em escrita gótica muito legível numa glosa na marg. inf. do f. 2v, por mão diferente da do texto é citado «Abrahyn judeus de Tholetto» para certificar uma informação da glosa de Haly. Ao longo do manuscrito existem diversas e curtas glosas marginais, por diversas mãos, contudo, percorrendo-as, não foi possível identificar nenhuma evidência da atribuição a Afonso de Dinis proposta por Birkenmajer. No f. 164v existem algumas indicações sobre o próprio ms. «Iste liber est pauperum magistrorum de Sorbon ex legato M. Petri de Lemouitis quodam socii domus huius (h9) / In quo continetur quadripartitum. // ... // Incathenatur /// .G39 inter quadruuiales». As últimas duas linhas desta nota indicam que pertenceu à biblioteca fundada para estudantes e mestres pobres, na Sorbonne, onde era um dos manuscritos seguros por cadeados, entre os manuscritos dedicados às ciências do quadrívio.

O *De nativitate*, de que conhecemos apenas um manuscrito, é um opúsculo que não ocupava mais que 2 fólhos e meio, do qual subsiste apenas o texto do último meio fólho⁵⁶. A análise do manuscrito permite constatar que foram arrancados dois fólhos onde estaria o início do texto⁵⁷. Se se confirmar que as obras 2 e 3 atrás enumeradas na lista das atribuições a Afonso de Dinis são esta mesma obra e se algum dos respectivos manuscritos vier a ser recuperado, poderemos então

54. Sobre este ms. do séc. XIV (164 ff.+f. 87bis) ver M. MABILLE, «Pierre de Limoges et ses méthodes de travail», *Homage à André Bontemy*, 1976, 244-251, cf. 246, 248, 250, pl. XX (Latomus, 145).

55. Cf. Alexander BIRKENMAJER, *Études d'histoire des sciences et de la philosophie du Moyen Age*, Wrocław-Warszawa-Kraków 1970, 232, depois de referir que o manuscrito contém o *Quadripartitum* de Ptolomeu com o comentário de Haly, na tradução de Tebaldo, com abundantes glosas de Pedro de Limoges, acrescenta na n. 56: «Plus tard il a été annoté aussi, ici et là, par maître Alphonse de Lisbonne qui mourut en 1352» remete depois para os seus *Vermischte Untersuchungen zur Geschichte der mittelalterlichen Philosophie*, Münster, 1922, 17 [reed. nos mesmos *Études*] e para o seu livro sobre a *Biblionomie* de Ricardo de Fournival, 30, n. 2. Léopold DELISLE, *Inventaire des manuscrits de l'Abbaye de Saint-Victor conservés à la Bibliothèque impériale, sous les numéros 14232-15175 du fonds latin*, Paris, Durand et Pedone-Lauriel, 1869, 72 descreve laconicamente o mss.: «Glosa Aly Abenrudiani super Quadripartito Ptolemei, cum prefatione Egidii de Tebaldis. Fin du XIII s.»

56. Cf. o manuscrito Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 7316A [séc. XIV], f. 180ra-b. Descrição do conteúdo de todo o manuscrito em Lynn THORNDIKE, «Notes on Some Astronomical», 133-138. Segundo Thorndike a mão deste fólho é idêntica à do anterior, mas tem 2 colunas e já não 3. Thorndike, que anota que o texto começa «in the midst of a discussion of the relation between the time of conception (casus spermatis) and of birth» texto começa «in the midst of a discussion of the relation between the time of conception (casus spermatis) and of birth» texto começa «in the midst of a discussion of the relation between the time of conception (casus spermatis) and of birth», não menciona continuidade com outro texto, reproduzindo a totalidade do texto do f. 180ra-b (cf. a seguir, n. 56). O manuscrito foi descrito de modo sucinto no *Catalogus codicum manuscriptorum Bibliothecae Regiae*, Pars III, Tomus IV, Parisiis, Typographia regia, 1744, 340a.

57. Os actuais ff. 180-181 do ms. lat. 7316A têm uma numeração antiga no canto direito inferior: 183, 184 e estão restaurados, tendo-lhes sido apostos festos para serem cosidos no centro de um caderno. O fólho anterior tem o número 179 quer no canto superior direito (números novos) e no campo inferior direito (números antigos), o que quer dizer que foram cortados dois fólhos e com isso perdeu-se o início do tratado (mas não podemos saber se ele ocupava na íntegra esses 2 fólhos, ou apenas uma parte). Os 2 fólhos que faltam foram retirados entre o momento da primeira e o da segunda numerações dos fólhos. No códice, que tem fólhos de guarda recuperados de outros manuscritos não se encontram os dois fólhos perdidos.

conhecer na íntegra a tradução deste opúsculo de astronomia médica que, segundo Guy Beaujouan, trata da harmonização da hora da concepção e do nascimento⁵⁸. No seu estado actual, o texto vale sobretudo pelas preciosas informações biográficas e cronológicas e sobre o método de trabalho de Afonso de Dinis, descrito na subscrição final⁵⁹:

Termina este opúsculo traduzido e concluído e corrigido no dia 15 de Março, embora tivesse sido começado no dia 11, do ano do Senhor de 1334 na cidade de Sevilha, pelo Mestre Afonso de Dinis, clérigo e medico do ilustríssimo príncipe Dom Afonso Rei de Portugal e da sua filha Dona Maria rainha de Castela e de Leão. E nota que o tradutor não curou do ornato das palavras, mas da propriedade das palavras do intérprete, preferindo, segundo a doutrina e o exemplo de Boécio no *De scholastica disciplina*⁶⁰, seguir com zelo a tradução que ser repreendido pela arrogância da temeridade. Termina.

Em 1334 Afonso está então em Sevilha, cidade onde em 1339 seria assinado o tratado que restabelece a paz entre Afonso IV de Portugal e o seu genro Afonso XI de Castela, casado com Maria de Portugal de quem Afonso também era médico. Interessante é a distinção entre *tradutor* e *intérprete*, que parece indicar que Afonso, segundo um método habitual na época, traduz o texto do árabe com a ajuda de um intérprete (habitualmente um judeu) que saberia essa língua, verteria o texto para castelhano e depois Afonso passava-o a latim. Dado este método de passagem de uma língua a outra, não é de estranhar que Afonso se atenha ao método de equivalência literal dos termos traduzidos e não do ornamento literário, alegando a seu favor com um texto pseudo-boeciano.

É justamente assim que Afonso, provavelmente em Toledo, e também com a ajuda de um intérprete, este expressamente mencionado como judeu convertido e seguramente também arabófono, realiza a tradução de um opúsculo de Averróis⁶¹ cujo original árabe se desconhece: o *Tractatus*

58. Cf. Guy BEAUJOUAN, *La science en Espagne*, 7-8, que no final da n. 12 (p. 8) diz tratar-se dos «canons de la table de l'animodar». No canto sup. do f. lê-se em letra pequena «Canons de Elmuden».

59. É o seguinte o texto subsistente, editado por Lynn THORNDIKE, «Notes on Some Astronomical», 136-137: «(...) per 15 et exiens erunt hore et si fuerit luna tempore casus inter ascendens et septimam scilicet sub terra addas has horas super menses et dies horas et minuta tempore ad quod equastis solem et lunam et ad tempus proveniens equa iterum solem et lunam et quod provenit de vero loco lune est verus locus gradus ascendentis hora nativitatis. Et iste est verus locus sine dubio aliquo. Et si luna fuerit inter septimam et ascendens super terram, minue has horas predictas a tempore ad quod equastis solem et lunam et ad residuum equa iterum lunam et proveniens erit ascendens ad punctum nativitatis sine dubio. Et si volueris verificare plus horas nativitatis, respice differentiam inter ascendens nativitatis custodi et ascendens casus spermatis cum gradibus ascensionum equinoctialis et divide eam per gradus hore noctis illius vel diei illius nativitatis et quod provenerit erunt hore et respice si fuerit ascendens custodie aut ascendens verum. Addas has horas super horas nativitatis et, si fuerit post ascendens custodie, minue et quod provenerit de horis post additionem vel diminutionem erunt hore vere nativitatis sine aliquo dubio. Explicit. // Scias quod tabule more sunt edite ad ascensionem solis id est ad principium. Et si tabule nostre sunt ad meridiem succe (Lucce?) addas super horas remanentes post diminutionem horarum de tempore nativitatis mediam diem de tempore casus spermatis et super hoc equa et extrahe ascendens ad tempus casus spermatis. Explicit hoc opusculum translatum et perfectum et correctum 15a die Marcii licet fuisset incoatum (180rb) 11a die anno domini 1334º apud civitatem Hyspalensem per Magistrum Alfonsum Dyonisií clericum et medicum illustrissimi principis domini Alfonsi regis Portugalie et filie sue domine Marie Castelle et Legionis regine. Et nota quod non curavit translator de ornatu verborum sed de proprietate verborum interpretis malens iuxta doctrinam et exemplum Boetii in De scholastica disciplina [ed. O. Weijers, p. 98] fide translatione deservire quam temeritatis arrogantia reprehendi. Explicit». A subscrição final (de «Explicit hoc opusculum» a «Explicit») está a vermelho, ficando dois terços da col. b em branco e em 180v começa a *Tabula equacionis solis et lune et ad sciendum motum solis et lune in una hora*.

60. Cf. Pseudo-Boèce, *De disciplina scholarium*, édition critique, introduction et notes par Olga WEIJERS, E. J. Brill, Leidein, 1976, 98.

61. Assinalado pela primeira vez por Moritz STEINSCHNEIDER, *Die Europäischen Übersetzungen aus dem Arabischen bis Mitte des 17. Jbarhunderts*, Wien, 1904, 4, nr. 12 (reimpr. Graz 1956) e depois por Alexander BIRKENMAJER, *Der Brief der Pariser Aristen fakultät über den Tod des hl. Thomas von Aquino*, (BGPM 20/5), Münster, Aschendorf, 1922, 17, reimpr. em *Studia copernicana*, 1 (1970), 293. Estudo introdutório, texto latino e tradução em Carlos STEEL – Guy GULDENTOPS, «An Unknown Treatise».

De separatione primi principii ou *Tractatus Averoyis contra aliquos Avicennistas ad probandum primi necesse esse*, para o qual escreveu um prefácio e um breve excuro sobre um problema de tradução de uma passagem da *Física* de Aristóteles. De facto, há duas passagens da *Física* de Aristóteles, cuja tradução não coincide com a tradução greco-latina de Moerbek⁶², que pressupõem uma nova tradução a partir do texto árabe (mas não seria impossível que tudo tivesse sido traduzido do hebraico). Afonso justifica a não coincidência das palavras (*conculatio verborum*) entre ambas as traduções porque na grega, e cita de facto uma frase da tradução de Moerbeke, a primeira asserção «está sob o modo de conclusão do argumento precedente» e na outra «por modo de epílogo ou de recapitulação do preâmbulo já demonstrado»⁶³.

A tradução e os paratextos de Afonso⁶⁴ permitem-nos apreender algo do seu posicionamento filosófico. Termina assim o prefácio:

Estas são as palavras de Mestre Afonso, tradutor deste tratado, que se chama «Contra alguns Avicennistas para provar que o primeiro ser necessário, isto é o primeiro princípio, a saber: Deus, existe separado da matéria, ou seja é subsistente por si» e pode mais correctamente ser chamado «Tratado de Averróis sobre a separação do primeiro princípio»⁶⁵.

O Afonso que aqui se apresenta é o autor do Prefácio e *tradutor* do opúsculo. No final há um colofão onde nos apresenta um outro mestre Afonso, o *intérprete*:

Termina o suplemento de Averróis sobre a demonstração de Aristóteles, que afirma que a primeira causa é única, infinita em duração e vigor e é a causa última de todas as coisas. Este tratado foi traduzido por mestre Afonso de Dinis de Lisboa, Hispano, em Vale de Toledo (Vallem Toleti), com <ajuda d>o intérprete mestre Afonso, converso sacrista de Toledo⁶⁶.

Quem seja este Afonso converso pode ser assunto de divergência⁶⁷, mas não há dúvida que Afonso de Dinis, seguramente por desconhecer o árabe, pelo menos em grau que lhe permitisse trabalhar sozinho, se valia mais uma vez da colaboração de um mediador. Para os editores e tradutores terá sido o intérprete a fazer o grosso do trabalho, correspondendo a Dinis talvez apenas a redacção final da interpretação feita a partir do árabe (cfr., art. cit., p. 89).

Não dispomos de elementos suficientes para delinear o momento e grau da adesão de Afonso ao averroísmo⁶⁸ da primeira metade do século XIV⁶⁹, que então animava em Paris autores como

62. Cf. a tradução arabo latina em *Aristotelis De physico auditu libri octo, cum Averrois Cordubensis variis in eosdem commentariis*, Venetiis, apud Iunctas, 1562, Lib. VIII, comm. 78 (p. 423), Lib. VIII, comm. 79, (p. 425) e a tradução greco-latina de Guilherme de Moerbek em S. Thomae Aquinatis, *In octo libros Physicorum Aristotelis expositio*, Torino, Marietti, 1965, 606.

63. A este assunto voltarei num estudo em preparação.

64. Estes paratextos directamente atribuíveis a Afonso (Prefácio e inciso sobre a tradução da passagem da *Física*), bem como a defesa de Averróis que se segue à tradução, estão traduzidos em Mário Santiago de CARVALHO, «Dois casos de translação da», 264-267 (também em Mário Santiago de CARVALHO, *O problema da habitação*, 130-132).

65. *Tractatus Averoyis «De separatione primi principii»*, 96.

66. *Tractatus Averoyis «De separatione primi principii»*, 130.

67. Carlos STEEL e Guy GULDENTOPS (cf. «An Unknown Treatise», 88-89) identificam-no com Abner de Burgos, converso judeu, baptizado como Alfonso de Valladolid, cidade onde defendem que a tradução foi feita, com base na interpretação do «Vallem Toleti» do *explicit* da tradução (p. 130), como sendo «Valladolid» e não «Vale de Toledo» e «Toletano» como «Valisoletano» (cf. a nota 146 do aparato, Toletano: «*Forsan abbreviatum pro Vallis(t)oletano*»).

68. O «averroísmo» e mesmo o «averroísmo latino» são objecto de constante debate historiográfico desde meados do século XX, acentuando-se uma corrente que questiona a adequação destas etiquetas ao pensamento de Averróis ou dos seus seguidores latinos, cf. Gianfranco FIORAVANTI, «Boezio di Dacia e la storiografia sull'Averroísmo», *Studi Medievali*, 3ª serie, 7 (1966) 283-322; Albert ZIMMERMANN, «Propos sur l'averroísmo», em *Actes del Simposi internacional de Filosofia de*

João de Jandun (a cujas lições poderia mesmo ter assistido) e Marsílio de Pádua, também Dante ou Mateus de Gubbio em Itália, ou, de um modo mais difuso e externo, em Lisboa o espectral Tomás Escoto, censurado por Álvaro Pais no *Colírio da fé contra os hereges* (obra terminada após 1344). De qualquer modo, o «averroísmo» de Afonso não toca na questão do intelecto e do sujeito do pensamento, ou na questão da «dupla verdade», de cuja defesa eram acusados os seguidores de Averróis. Em consonância com a argumentação usada no *Tractatus*, os seus interesses vão para a física, de certo modo para a cosmologia, também para a metafísica, ou pelo menos para a questão da determinação do seu objecto. Mas, é sobretudo o Averróis político e homem de leis, enquanto filósofo sábio e justo, que Afonso elogia no curto texto onde lhe traçou o perfil.

A solitária difusão do opúsculo traduzido por Afonso de Dinis (que, como vimos, subsistiu num único manuscrito, não sendo conhecida qualquer citação feita dessa obra) não lhe retira interesse. Desde logo pelo seu alcance polémico: é um tratado «contra alguns avicenistas» (cfr. citação acima). Averróis defende que o argumento de Avicena, assente na diferença do ser e na consideração do primeiro princípio a partir do «ser enquanto ser», está errado e prefere a via física de Aristóteles (*Física*, VIII 10; 266a10-b6) que, através da consideração do movimento, mostra a necessidade de um primeiro motor, o que tem implicações epistemológicas quanto à relação e ordem entre as ciências, porque pressupõe que «a ciência divina colhe da física os princípios do ser» (p. 96). Esta opção metodológica pela via da física, buscando a verdade pela razão natural, que assim guarda a sua própria autonomia filosófica e epistemológica é, de certa forma, um dos aspectos que caracterizam o chamado «averroísmo latino», pelo menos naquela vertente que dá preferência à natureza e à razão, relativamente ao divino e à religião.

No prefácio, Afonso de Dinis mostrara amplo conhecimento das obras de Averróis, pois aduz diversos lugares paralelos para sustentar a autenticidade do opúsculo. Este aspecto não deve deixar de nos chamar a atenção. Não se conhece o texto árabe deste opúsculo⁷⁰ e não é sem interesse que o tradutor aduz por sua iniciativa alguns argumentos para firmar a sua autenticidade, afirmando que é o próprio Averróis que em outras obras menciona que escreveu um curto tratado «sobre a separação do primeiro princípio», contra os avicenistas. A propósito, Afonso cita três passagens do *Comentário sobre a Física* (I, 83; II, 22; VIII, 3) e vê a autenticidade reforçada com o que é dito no *Comentários sobre a Metafísica* (em V, 5; XII, 5 e 43), bem como no livro I do *De substantia orbis*⁷¹. Vê ainda um ulterior argumento no facto de o método ser concordante com a «intenção de

l'Edat Mitjana, Vic, Patronat d'Estudis Osenencs, 1996, 79-84; B.C. BAZÁN, «Was There Ever a «First Averroism»?», em Jan A. AERTSEN – Andreas SPEER (Hrsg.), *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, Berlin-New York, W. de Gruyter, 2000, 32-53; Ruedi IMBACH, «L'averroïsme latin du XIII^e siècle», em Ruedi IMBACH – Alfonso MAIERÛ (cur.), *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento*, Roma, Ed. di Storia e Letteratura, 1991, 191-208. Por outro lado, acentua-se o interesse pela tantas vezes paradoxal influência filosófica de Averróis no desenvolvimento da Filosofia do ocidente latino, cf. as obras mais recentes de Jean-Baptiste BRENET, *Transferts du sujet: la noétique d'Averroès selon Jean de Jandun*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 2003; Alain de LIBERA, *L'unité de l'intellect. Commentaire du De unitate intellectus contra averroistas de Thomas d'Aquin*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 2004; Emanuele COCCIA, *La trasparenza delle immagini. Averroè et l'averroïsme*, Milano, Mondadori Ed., 2005.

69. Os editores têm uma posição mais definida: «Although our knowledge of Alfonso's thought is very limited, we can situate him among other so-called Averroists of the early fourteenth century, such as Ferrandus Hispanus and John of Jandun», Carlos STEEL e Guy GULDENTOPS, «An Unknown Treatise», 88, itálico meu.

70. Para um elenco das obras de Averróis onde este opúsculo é mencionado, cf. Salvador GÓMEZ NOGALES, «Bibliografía sobre las obras de Averroes», em *Multiple Averroès. Actes du Colloque International organisé à l'occasion du 850^e anniversaire de la naissance d'Averroès. Paris 20-23 septembre 1976* (ed. Jean Jolivet), Paris, Les Belles Lettres, 1978, 353-387, na p. 386, nr. 59.

71. Ed. cit., 94.

Ptolomeu» no primeiro livro do *Almagesto*, obra que, segundo diz, «Averróis conhecia muito bem», afirmado que viu o seu epítome desta obra que o rei Afonso X fizera traduzir para latim e que agora se encontra em Bolonha e na Hispânia⁷².

O aspecto perturbador do esforço de Afonso de Dinis para provar a autenticidade deste opúsculo, de que não se conhece o original árabe e do qual não é conhecida qualquer citação na literatura filosófica posterior, seja em árabe, em hebraico ou em latim, reside no facto de ele não coincidir com outro opúsculo de Averróis, exactamente sobre o mesmo tema, de que também não se conhece o texto mas que Harry Austryn Wolfson reconstituiu a partir das citações que se encontram na refutação que dele fez o filósofo judeu Moses ben Joseph al-Lawi, num opúsculo escrito em árabe e depois traduzido para hebraico⁷³. Certamente Averróis, que muitas vezes se ocupou deste tema central na sua crítica à filosofia de Avicena, poderia ter-lhe dedicado vários escritos, mas um estudo filológico e comparativo das posições filosóficas poderá ajudar a precisar se estamos, por exemplo, perante um texto composto por algum epígono, ou mesmo perante uma contrafacção realizada Afonso Dinis, ou outro «averroísta latino» mais entusiástico, com base em outros escritos de Averróis. De qualquer modo, no próprio *Tractatus*, depois de o autor ter contraposto os métodos de Averróis e Avicena para demonstrar a existência de um princípio separado, lemos o seguinte:

Mas, tendo frequentemente analisado as vias seguidas por Avicena, encontrámos os seus erros e sobre isso escrevemos em outros lugares⁷⁴.

De facto não é aqui mencionado nem excluído que tenha já escrito um tratado específico, e isso bem poderia ter acontecido. Averróis diz aqui que nessas discussões se ocupou do erro de Avicena que consistia na demonstração da existência de um «ser necessário» a partir da afirmação do ser possível, portanto uma demonstração puramente intrínseca à Metafísica (cfr. p. 98). Entretanto, narra averróis que um afamado especialista nos livros de Avicena, que conheceu na terra dos berberes (in terra barbarorum), propagava uma interpretação da demonstração de Avicena, onde sustentava que este nunca afirmara que o «ser necessário» é algo abstracto ou separado do universo, e que por «ser necessário» ele queria dizer a totalidade do universo:

E quando falava com eles, em linguagem explícita disseram que Avicena escondera algo sobre aquilo para concordar com os homens do seu tempo. E este homem pensava que não pode ser provado que existe algum ente separado da matéria, que não seja corpo nem num corpo, e que esta era a opinião de Avicena, e que foi isto que ele demonstrou ocultamente na sua Filosofia oriental, na qual acreditava que ele explanou a verdade e que muitas afirmações nos seus livros as colocou para concordarem com ele. E com esta opinião pretendia dissolver a ciência e, mais ainda, destruir a natureza de todo o ente⁷⁵.

É precisamente contra esta ainda «pior opinião», porque com nocivas consequências para a ciência, que Averróis escreve o seu tratado, com o plano que expõe: em primeiro lugar resumirá a opi-

72. Idem, *Ibidem*. Esta obra é desconhecida e Afonso é a única fonte a aduzi-la.

73. Cf. Harry Austryn WOLFSON, «Averroes' Lost Treatise on the Prime Mover», *Hebrew Union College Annual*, 22, 1 (1950-51) 688-710, agora reimpr. em Harry Austryn WOLFSON, *Studies in the History of Philosophy and Religion*, volume I, ed. by Isadore TWERSKY – George H. WILLIAMS, Harvard University Press, Cambridge Mss, 1979², 402-429. O original árabe encontra-se num texto de Joseph ben Abraham Ibn Waqar, descoberto e traduzido por George VAJDA, «Un champion de l'Avicennisme. Le problème de l'identité de Dieu et du Premier Moteur d'après un opuscule judéo-arabe du XIII^e siècle», *Revue Thomiste* (1948) 480-508.

74. *Tractatus Averrois De separatione primi principii*, 96.

75. *Tractatus Averrois De separatione primi principii*, 98.

não de Aristóteles, que seguidamente explicará com palavras suas, isto é: glosando, o que parece mais adequado em sua defesa, «sustentado no que temos afirmado ao longo da nossa vida», exporá também as objecções que têm sido levantadas contra a posição de Aristóteles, resolvendo-as⁷⁶.

O tratado não é, portanto, uma discussão directa da posição de Avicena⁷⁷, mas uma refutação da interpretação do seu pensamento difundida por contemporâneos de Averróis, que se baseavam na *Filosofia dos Orientais*, uma obra de Avicena hoje perdida⁷⁸. Não há elementos que nos indiquem quem é este filósofo, mas sabemos que Averróis encontrou Ibn Tufayl (1110-1185), o Abubacer dos latinos, no ano 564 da Hégira (1169 da era comum). Deste autor conhece-se a obra *O filósofo autodidacta*⁷⁹, um romance filosófico de iniciação mística, onde, entre outras fontes, usa a filosofia de Avicena (mesmo a «oriental») que toma como guia e quer expor com a sua novela. É uma mera conjectura ver no *Tractatus* de Averróis mais um dos resultados desse encontro entre os dois grandes filósofos árabes da Península, embora tenha ocorrido numa fase ainda precoce da vida filosófica de Averróis (1126-1198) e pelas referências que lemos no opúsculo ele deva ser colocado numa fase mais madura da sua vida. Também não é improvável que os avicenistas referidos por Averróis sejam discípulos de Ibn Tufayl que retomavam a doutrina do ser necessário, tão importante aliás em *O filósofo autodidacta*, para reconsiderar o problema do motor imóvel.

No *Tractatus*, Averróis, como é seu método, regressa ao texto e à interpretação de Aristóteles, para mostrar que é na sua obra que se encontra a única demonstração aceitável para a filosofia sobre a existência do primeiro princípio e é ainda nela que se encontram os elementos para refutar os seus críticos. É por isso que (o tradutor?) diz no colofão:

Termina o suplemento (*additio*) de Averróis sobre a demonstração de Aristóteles que afirma que a primeira causa é única, infinita em duração e vigor e que ela própria é a causa última de todas as coisas⁸⁰.

76. *Tractatus Averrois De separatione primi principii*, 98-100.

77. Na reconstituição de Wolfson da estrutura do perdido *Tratado sobre o primeiro motor* (*Kalam labu 'ala almubarik al-awwal*) de Averróis, esta obra tem duas partes, sendo na primeira feita a refutação da prova de Avicena da existência de Deus e na segunda a refutação da posição de Avicena de que Deus é um ser que está para lá do primeiro motor, cf. Harry Austryn WOLFSON, «Averroes' Lost Treatise», 405-406, nas páginas seguintes são traduzidos e comentados os 9 fragmentos em que se baseia esta reconstituição.

78. Cf. Dimitri GUTAS, *Avicenna and the Aristotelian Tradition*, Leiden, E. J. Brill, 1988, 115-130. A interpretação da Filosofia Oriental de Avicena tem suscitado interpretações divergentes: Seyyed Hossein NASR, «Ibn Sina's Oriental Philosophy», em Seyyed Hossein NASR – Oliver LEAMAN (ed.), *History of Islamic Philosophy*, London-New York, Routledge, 1996, vol. I, 247-251; Dimitri GUTAS, «Avicenna's Eastern («Oriental») Philosophy: Nature, Contents, Transmission», *Arabic Sciences and Philosophy*, 10 (2000) 159-180. Para a refutação da existência de misticismo no pensamento de Avicena, que seria a marca desta Filosofia oriental, cf. Dimitri GUTAS, «Intellect without Limits: The Absence of Mysticism in Avicenna», em Maria Cândida PACHECO – José Francisco MEIRINHOS (ed.), *Intellect et imagination dans la Philosophie Médiévale / Intellect and Imagination in Medieval Philosophy / Intelecto e imaginação na Filosofia Medieval. Actes du XI^e Congrès International de Philosophie Médiévale de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale (S.I.E.P.M.), Porto, du 26 au 31 août 2002*, 3 vol., Turnhout, Brepols, 2006, vol. I, 351-372.

79. Existem diversas traduções para castelhano: Ibn Tufayl (Abu Bakr Muhammad ibn Abd Al-Malik), *El filósofo autodidacta* (*Risala Hayy ibn Yaqzan*), trad. de Ángel GONZÁLEZ PALENCIA, Madrid CSIC, 1948 (disponível em <http://www.filosofia.org/cla/isl/hayy.htm>); ou Ibn Tufayl, *El filósofo autodidacta*, trad. revista de A. González Palencia, ed. de Emilio TORNERO, Madrid, Ed. Trotta, 1995, onde, nas pp. 14-15, se lê a narração do encontro entre Ibn Tufayl e Averróis na corte almôada em 1169, feita pelo historiador medieval árabe 'Abd al-Walid al-Marrakusi, que um discípulo de Averróis que testemunha as palavras que diz muitas vezes ter ouvido a Averróis sobre o encontro com Ibn Tufayl e a cujo incentivo atribui mesmo o ter-se decidido a empreender o comentário das obras de Aristóteles, para explicar o seu difícil sentido tornando-as mais acessíveis ao estudo de todos. Diga-se que nesta narrativa não transparece qualquer crítica de Averróis a Ibn Tufayl.

80. *Tractatus Averrois De separatione primi principii*, 130.

Para além de aprofundar os argumentos de Averróis sobre a questão, agora discutidos mais no domínio da Física⁸¹, o tratado tem importância acrescida para o conhecimento da difusão do pensamento de Avicena no século XII no norte de África e no al-Andaluz.

De qualquer modo, para Afonso a tradução colmatava a ausência do opúsculo que o próprio Averróis mencionara em outras obras e tanta falta parecia fazer para as discussões em torno do primeiro princípio, tema bem vivo na universidade da primeira metade do século XIV, tanto em Artes como em Teologia, e onde as posições de pendor avicenista mereciam grande favor. Afonso diz mesmo que procurou esse tratado com muita diligência («diligenter perquisivi», p. 94), mas não o encontrando nem em árabe nem em latim, pareceu-lhe vão procurar outro texto de Averróis, se ele já tinha escrito este (cfr. p. 94).

O *Elogio de Averróis* é um texto distinto do opúsculo, que tem um *explicit* e um *colofão* bem nítidos. Trata-se de um *accessus*, género muito utilizado para suprir em textos curtos a escassez de informações sobre uma dada obra ou autor reunindo elementos que possam servir de apresentação da índole ou das intenções do autor e da obra. O autor chama-se a si mesmo Afonso, podendo este ser ou o tradutor ou o intérprete, mas é lícito inferir que será Afonso de Dinis, porque logo a abrir refere que a sua fonte é «um judeu, digno de fé, médico do rei de Castela, que é o melhor e mais verdadeiro entre os judeus» (p. 130) e não seria normal que o intérprete Afonso, ele próprio um judeu, usasse esta expressão. O curto texto é um elogio de Averróis, apresentado como «sole-níssimo amante da verdade da física, eminente e singular emulador da filosofia de Aristóteles» (p. 130). Afonso indica como sua fonte um judeu, médico do rei de Castela, que nas *Crónicas dos sarracenos* leu os factos narrados sobre a queda em desgraça, exílio e reabilitação de Averróis. No final invoca ainda as *Crónicas árabes* para refutar o que se diz sobre Averróis e Avicena, seguramente uma referência à lenda segundo a qual Averróis teria assassinado Avicena. Como afirma Afonso, o que se diga é totalmente falso pois não eram nem contemporâneos, nem compatriotas (p. 134)⁸². Aduz também neste texto o seu conhecimento do *Comentário* de Averróis sobre a *Física*, mas também da *Carta 15 a Lucílio* de Séneca, que cita para defender o papel cívico do filósofo e da filosofia no aconselhamento do governante (p. 132), enaltecendo que o mesmo Averróis, filósofo nobre e bom, «estatuí e publicou leis civis segundo os princípios da filosofia, que ainda hoje governam os Sarracenos» (p. 134). Afonso transmite diversas informações biográficas sobre Averróis, seguramente com a intenção de combater algumas das calúnias que sobre ele circulavam entre os latinos, mostrando elevado apreço pela concepção da filosofia como contemplação intelectual e da importância da «vida filosófica» na criação de uma sociedade justa e regida pela lei.

Foi também conjecturado que o interesse por Averróis poderia apontar Afonso de Dinis como estando de algum modo associado à tradução para latim, ou pelo menos à difusão em Itália, de um outro opúsculo do filósofo de Córdoba, o *De animae beatitudine*, sobre a felicidade da alma⁸³, obra que se encontra no mesmo manuscrito do *Tractatus*, mas que ao contrário, teve certa difusão e influência posterior; nomeadamente no Renascimento. A hipótese é sedutora e faria de Afonso um

81. Ao longo da obra são citados directamente a *Física*, a *Metafísica*, o *De anima*, o *De caelo*, os *Analíticos primeiros* de Aristóteles, os respectivos comentários de Averróis e o seu *De substantia orbis*, e ainda a paráfrase de Temístio ao *De caelo*.

82. A história da queda em desgraça de Averróis e da sua reabilitação pública é conhecida por outras fontes, cf. entre outros citados por Steel e Guldentops (p. 87, n. 5): Ernest RENAN, *Averroès et l'averroïsme*, Paris, 1866, 20-26; Dominique URVOY, *Ibn Rushd (Averroès)*, London-New York, Routledge, 1991, 34-36. Conviria determinar o que há de específico e divergente na narrativa de Afonso relativamente às outras fontes.

83. Cf. Carlos STEEL em Averroès, *La beatitude de l'âme*, ed., trad. et études par Marc GEOFFROY et Carlos STEEL, (Sic et non), Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 2001, 90-91, 127-128.

averroísta ainda mais activo, mas, trata-se de uma conjectura a precisar de desenvolvimento. Nesse quadro, a comparação com as citações indirectas do pensamento de Afonso de Dinis feitas por Afonso Vargas de Toledo, seu colega no ensino de Teologia em Paris, pode ainda trazer outros dados para a discussão, porque a tradução do opúsculo de Averróis, tudo o indica, é anterior aos seus estudo de Teologia e ao seu curso parisiense de explicação das *Sentenças* de Pedro Lombardo.

*

Numa expressão feliz, Alexander Birkenmajer chamou a Afonso de Dinis «erudito universal»⁸⁴. A designação não é excessiva se notarmos que o mestre português se ilustrou como estudante e mestre de Artes, de Medicina e de Teologia em Paris, foi auscultado como perito em astronomia e medicina, profissão que exerceu nas casas reais de Portugal e Castela, traduziu ou comentou obras de astronomia, traduziu e escreveu sobre Averróis, para além de ser conhecedor da obra de Aristóteles, comentou parte do *Canon de Medicina* de Avicena e o primeiro livro das *Sentenças* de Teologia de Pedro Lombardo. Com um movimentado périplo académico por Portugal, França e Espanhas, afinal comum a tantos homens na Idade Média, Afonso de Dinis deve ser também aqui recordado pela recuperação do pensamento de Averróis, pensador árabe da Península nascido em Córdoba, a quem os latinos, como recorda Afonso de Dinis, chamavam apenas *O comentador*⁸⁵. Desde o século XIII Averróis está no centro de inovações filosóficas, de polémicas e condenações não só no mundo árabe, como também no mundo universitário latino e talvez seja a esses círculos que a actividade filosófica de Afonso Dinis deva ser associada.

Os trabalhos de Afonso de Dinis mostram-nos também que no final da primeira metade do século XIV circulavam no sul da Península Ibérica textos originais de Averróis que mestres latinos traduziram permitindo assim a sua sobrevivência⁸⁶, mas também outros textos, por exemplo de natureza médico-astronómica, que ainda fascinavam os seus leitores e mantinham activa a tradição de tradução de textos árabes para latim. Ao «traduzir» um opúsculo cujo original árabe se perdeu, Afonso de Dinis contribui também para a sobrevivência da obra de Averróis e de certas teorias que no seu tempo se difundiam no al-Andaluz, prolongando assim o contributo da Península Ibérica para essa *translatio studiorum* de que em boa parte nasceu o mundo moderno e contemporâneo.

84. Alexander BIRKENMAJER, *Études d'histoire des sciences*, 143, sobre Afonso de Dinis cf. também as pp. 143, 232, 293-4 (n. 4), 370, 488.

85. «(...) quem nos christiani communiter vocamus commentatorem, Averroys», Afonso de Dinis, *Laudatio Averrois*, 130.

86. Podem de facto incluir-se aqui os três textos do manuscrito digbeiano.